

# Tercios, Mito e História de um dos Exércitos mais poderosos da Europa Moderna (séc. XVI – XVII)

Matheus Boina Coltro<sup>1</sup>

**RESUMO:** A História de Espanha é cercada de mitos, estereótipos e até anacronismos. Entre os detalhes também se encontram no seu exército durante a sua Era de Ouro e Colonização das Américas. Esse artigo propõe desvendar e refutar esses principais mitos do exército espanhol (os Terços), cujo exército fora formidável nas suas atuações nas guerras religiosas por exemplo. Mitos que ainda perpetuam na historiografia anglo-saxã e tem seus reflexos até na historiografia brasileira.

**Palavras-chave:** Terços, Mitos, Historiografia.

**Resumen:** La Historia de España está rodeada de mitos, estereotipos e incluso anacronismos. Entre los detalles también se encuentran en su ejército durante su Edad de Oro y la Colonización de las Américas. Este artículo se propone desentrañar y desmentir estos principales mitos del ejército español (los Tercios), cuyo ejército fue formidable en sus actuaciones en las guerras religiosas, por ejemplo. Mitos que aún se perpetúan en la historiografía anglosajón y tienen sus reflejos incluso en la historiografía brasileña.

**Palabras clave:** Tercios, Mitos, Historiografía.

## INTRODUÇÃO

Os Tercios (Terços) tiveram a sua participação de dois séculos (XVI – XVII) e de diversos conflitos, desde do período da colonização até nas guerras religiosas que estraçalharam os diversos países europeus, principalmente na Alemanha onde a guerra se alastrou diversas vezes. Mas segundo os mitos perpetuados nas propagandas bélicas, que é o tema do tópico da próxima parte, tentaram minimizar os feitos dos espanhóis e da sua maquinaria bélica, assim também como colocar o Império Espanhol atrasado e decadente. Para desvendar esses mitos, foi utilizado a obra de María Elvira Roca Barea (2022) e outros diversos artigos espanhóis sobre a Espanha e a sua Leyenda Negra (Lenda Negra). Sobre os Tercios em si foram as obras buscadas pelos diversos autores espanhóis de grande parte como: Julio Albi de la Cuesta (2018) cuja obra foi importantíssima sobre os Tercios, Hugo A Cañete (2014 e 2016) sobre as principais campanhas dos Tercios na Europa, Cristina Borreguero Beltrán (2018) sobre a Guerra dos Trinta Anos, e há o autor inglês William P Guthrie que mostrou ter uma análise bem equilibrada e neutra do mesmo conflito mencionado. Todos eles foram fundamentais para o artigo.

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em História na PUC Campinas, e pós graduado em História Militar na UNISUL. Pesquisador na Associação Pró-Memória de Sumaré-SP.

Depois de explicar sobre a Leyenda Negra, como ela surgiu e como ela foi repercutida nos Tercios, as próximas partes explicam sobre a origem e conclusão das Guerras dos Oitenta e dos Trinta Anos, e em seguida sobre os Tercios (e onde se começa a desvendar os mitos sobre eles), e como eram as suas estruturas, as táticas; suas atuações nos cercos, batalhas e suas ações nos mares; suas manobras nas Ações Indiretas e suas atuações no Brasil durante as invasões holandesas no Nordeste Brasileiro.

## LEYENDA NEGRA

A origem da Leyenda Negra, começa na Itália, mas a sua expressão se iniciou a partir do ano 1898<sup>2</sup>. Ela é marcada pelo conflito entre Holanda e Espanha. Por exemplo, o uso da ferramenta dos holandeses foi a obra Batolomé de Las Casas<sup>3</sup> como difamação para a reputação da Espanha e espanhóis durante a Conquista nas Américas, onde fazem inúmeras edições e de diversas línguas e modificam até a obra se necessário (tais obras, por exemplo, foi a do italiano Jerónimo Benzoni)<sup>4</sup>, para conseguir o objetivo desejado. Há também por exemplo a obra do irlandês e ex-católico Thomas Gage (1597-1655), que segundo o autor, o continente Americano deveria ser governado pela Inglaterra<sup>5</sup>. Dessas obras há os relatos dos detalhes das crueldades dos espanhóis e matanças contra os indígenas nativos. As diversas obras foram circuladas principalmente na região de Flandres e só teve seus momentos de pausa nos anos de 1630, pois o movimento já não interessava para os propagandistas e foi quando a Holanda estava conseguindo se tornar um estado independente. Mas teve essas obras retomadas no século XIX ao XX<sup>6</sup>.

Tais exemplos das crueldades dos espanhóis não eram só mencionados durante a Conquista, mas também durante a Guerra dos Oitenta Anos como por exemplo no cerco de Amberes (1576), onde uma das forças espanhola conseguiu expulsar os soldados holandeses que faziam o assédio na cidadela e no meio do confronto os soldados fizeram pilhagem e uns cem civis foram massacrados em meio ao caos. Guilherme de Orange daria notícias exageradas na qual não foram cem civis mortos, mas sim 18 mil cujo objetivo era propagandista político e religioso, de manchar a reputação dos soldados espanhóis e da Monarquia. Dando a informação clara que a Revolta Armada era a única saída nessa guerra.<sup>7</sup>

Desses detalhes destacam o sentimento anticatólico (como a obra de Marmontel), e entrelaçado no movimento independentista batavo. Por tanto eram armas ideológicas durante a Guerra dos Oitenta Anos. Tais efeitos deram as destruições de templos religiosos, e execuções em massa no calor da guerra. E para finalizar, também se destaca em colocar a Espanha como um país intolerante e onde se encontra seu povo fanático que era o grande mal da Europa. Não é à toa que isso seria um grande impacto para a fama da Espanha.

---

<sup>2</sup>ROCA BAREA, 2022, pp. 23-24, 35, 148.

<sup>3</sup>Segundo suas visões, os indígenas eram generosos e dóceis diante dos sanguinários e conquistadores soldados espanhóis (CARBIA, 2004, p. 100). Sobre os mitos que envolvem indígenas pacíficos e unidos, recomenda-se a obra de Lawrence H Keeley, A Guerra antes da Civilização – O Mito do Bom Selvagem (2011).

<sup>4</sup>CARBIA, 2004, pp. 69-73, 75-76.

<sup>5</sup>CARBIA, 2004, pp. 88-89, 96-97.

<sup>6</sup>CARBIA, 2004, pp 70-73, 81, 100

<sup>7</sup>CAÑETE, 2016, pp. 36-37.

Portanto, a *Leyenda Negra* nasceu nesses momentos turbulentos, pois além das disputas religiosas havia também movimentos políticos independentistas.<sup>8</sup>

Não só na guerra contra os holandeses como também na Guerra dos Trinta Anos, cronistas e propagandistas protestantes e calvinistas sempre ganhavam na disputa ideológicas em seus panfletos em meio ao desenrolar da guerra. Muito mais distribuídos em diversas línguas, enquanto a disputa de seus opositores fora pouca ou praticamente nula, pois a Monarquia espanhola considerava isso desnecessário. Tais efeitos dariam essas notícias como verdades e de figuras estereotipadas.<sup>9</sup>

De acordo com Roca Barea, “a propaganda antiespanhola criada pela Grã-Bretanha, mas não sozinha, teve um sucesso esmagador durante séculos, a ponto de se tornar uma verdade histórica”.<sup>10</sup>

Outros efeitos da *Leyenda Negra* que deram grandes marcas para a reputação da Espanha até aos dias de hoje, como por exemplo: a História da Espanha mal comentada na História no mundo internacional, ou se tem há imagens retorcidas em colocar o exagero de um país fanático ao extremo, país da Inquisição e o povo ser contra o progresso, marcada por violências e guerras civis e etc.

Mal mencionam que a Espanha foi um grande império e de suas famosas capitânias no atlântico, de muitas escolas e universidades (como Toledo e Salamanca), os grandes pensadores (como Menéndez Pelayo, Luís Vives e até Cervantes), pintores (como El Greco, Dalí, Velázquez, Picasso) e há até poesias marcantes no tempo da invasão árabe e outros povos na idade média, e muito mais.<sup>11</sup>

## REPERCUSSÕES DA LEYENDA NEGRA NOS TERCIOS

Ao longo do tempo, historiadores da língua anglo-saxônica explicaram o contexto bélico da Europa Moderna de diferentes formas, mas quando se refere aos Tércios, quase sempre estão as mesmas explicações repetitivas, com isso deram os mitos que conhecemos até na historiografia militar brasileira. Vejamos os principais autores e de seus mitos repetitivos.

Na incrível obra de Antony Beevor, “A Batalha pela Espanha” (2007), logo no início e explicação do contexto histórico da Espanha, antes de se aprofundar na Espanha no século XX e da guerra civil, Beevor cita brevemente como o poder bélico espanhol se passava na Idade Moderna e nas Grandes Navegações: era um grande Império Marítimo de vastas terras e que sua força ao entrar em guerra contra a França no norte da Itália, as Guerras dos Oitenta e Trinta anos e a destruição da famosa Armada Invencível em 1588 na tentativa de invadir a Inglaterra anglicana que fizera o poder espanhol entrasse em declínio.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> CARBIA, 2004, pp. 81, 102-103, 105.

<sup>9</sup> BELTRÁN, 2018, pp. 47-48; BAREA, 2022, p. 191

<sup>10</sup> ROCA BAREA, 2022, p. 126.

<sup>11</sup> BALTÉS, 2021, pp.1-6;

<https://www.exteriores.gob.es/Embajadas/varsovia/es/Comunicacion/Noticias/Documents/Raz%C3%B3n%20y%20pasi%C3%B3n%20en%20la%20Espa%C3%B1a%20de%20los%20albores%20del%20Siglo%20XXI.pdf>, 2018, pp. 6-12. Acesso em 11 nov, 2022.

<sup>12</sup> BEEVOR, 2007, p. 42

Já a famosa obra de Liddel Hart, “As Grandes guerras da história” (1967), o autor não cita os Tercios no contexto da Guerra dos Oitenta Anos, é irrelevante para as suas análises sobre as Ações Indiretas pois segundo ele a guerra não dava resultados decisivos, manobras feitas bem limitadas e muito padronizadas e marcadas por guerras de sítios. E para finalizar, cita a batalha de Lutzen, a única de toda essa guerra que fora mencionada.<sup>13</sup>

A obra de James Lacey, “As Batalhas mais decisivas da História” (2017), menciona os Tercios e coloca seus principais comandantes do século XVII (Tilly e Wallenstein) como competentes, mas incapazes de revolucionar o modo de lutar por mais de um século nas guerras europeias. Explica seus métodos de combates na seguinte forma:

Era uma força de três mil soldados armados de piques e arcabuz, exército pesado e que precisava diminuir seus soldados para conseguir manobrar nos terrenos europeus, eram de grandes tamanhos e até exagerados na rigidez.<sup>14</sup>

E conclui para finalizar a explicação:

O tercio não era muito mais do que um rolo compressor feroz que, uma vez apontado numa certa direção, podia esmagar quase tudo em seu caminho. Mas tinha pouca capacidade de fazer frente a ameaças vindas de direções inesperadas (LACEY, 2017, p.181)

Aponta a grande reforma de Maurício de Nassau em treinar e disciplinar seus soldados graças à influência romana para deixar seu exército mais flexíveis e aumentar o poder de fogo. Enquanto a de Gustavo Adolfo, desenvolveu a sua artilharia ligeira para o campo de batalha e exército experiente e também bastante cadencia de fogo e flexibilidade para a sua força bélica além de uma cavalaria mais armada para apoiar seus infantes.<sup>15</sup>

Para finalizar, o autor conclui que a Batalha de Breitenfeld foi uma batalha decisiva e que manteve as novas religiões europeia e suas liberdades não serem extintas pela Igreja Católica, além também das pesquisas científicas que desenrolava na época<sup>16</sup> como foi o caso de Galileu e outros pensadores ameaçados pela Inquisição.<sup>17</sup>

Já na historiografia brasileira, na coletânea de diversos autores na obra “História das Guerras” (2006), novamente os Tercios nem sequer são mencionados e o assunto vai direto às reformas de Maurício de Nassau e Gustavo Adolfo. E novamente, colocam o Império Espanhol como um animal pré-histórico, medieval, que teve pouca influência do Renascimento e nada do Iluminismo e etc, cuja a origem desses problemas foram, na maior parte, nas batalhas perdidas na mesma guerra mencionada anteriormente.<sup>18</sup>

<sup>13</sup> HART, 1967, pp. 101-103, 112-113.

<sup>14</sup> LACEY, 2017, pp. 177, 180-181.

<sup>15</sup> LACEY, 2017, p. 181, 183-184.

<sup>16</sup> Apesar desse comentário, não havia liberdade e tolerância religiosa para os dois séculos (XVI-XVII) em muitos países europeus, portanto é um equívoco só apontar a Espanha como a única que perseguia esses diversos movimentos religiosos. A Espanha teve sim um movimento iluminista e científico na qual é raramente mencionado. Colocar a Espanha como um país contra o Renascimento, contra o Humanismo, contra o Iluminismo e ser um país ainda medieval, são outros clichês vindo da Leyenda Negra (ROCA BAREA, 2022, pp. 268, 382-386, 420).

<sup>17</sup> LACEY, 2017, p. 193.

<sup>18</sup> MAGNOLI, 2006, pp. 174-175, 181-184.

A obra de José Gerardo Barbosa Pereira, “A Restauração de Portugal e do Brasil” (2004) menciona os *Tercios*. Que tinham um efetivo de 3 mil soldados e eram habilidosos para lidarem contra inimigos de todos os lados (o contrário das afirmações de Lacey), mas atuavam em conjuntos. Mas Pereira dá mais ênfase às inovações de Nassau e de Gustavo Adolfo, na qual suas tropas eram flexíveis e de grande mobilidade ao dar formações de pequenas unidades, além disso eram mais independentes do que a dos *Tercios*. Com o aumento das frentes dos atiradores nessas unidades, também aumentara o seu poder de fogo, pois os mosqueteiros atiravam ao lado dos piqueiros e em seguida voltavam para trás e para a proteção dos piqueiros para a continuação do combate.<sup>19</sup>

Carlos Daróz, em seu belo livro “A Guerra do Açúcar” (2014), ao mencionar a Guerra dos Oitenta Anos, aponta que Guilherme de Orange o Taciturno na luta contra as forças espanhola, ele tentava evitar a enfrentar essas forças em uma batalha decisiva e atacar em regiões mais fracas de seus inimigos, ou seja era uma guerra de degaste.

Aponta que com a chegada do inverno, as campanhas paravam enquanto o tempo não melhorasse. Tudo isso deixava claro que eram campanhas desgastantes e exaustivas.

Sobre os *Tercios*, Daróz menciona que era uma força de 3 mil soldados que continha três coronelia e que cada uma continham mil soldados, mas que nos combates já vinham com números reduzidos. As armas dos piqueiros chegavam a quatro metros, e como muitos outros autores mencionados acima, também aponta a falta da flexibilidade para manobrar com exceção dos terrenos planos e abertos.

Daróz dá também bastante ênfase às reformas de Nassau também mencionada anteriormente com exceção do fogo contínuo das fileiras dos atiradores que enquanto um atira o outro recarregava a arma, diminuição dos piqueiros e mais atiradores ao longo do tempo. A batalha ganha de Nassau em 1600 (Batalha de Nieuport) foi essencial para a sua ascensão e infligir uma grande derrota aos *Tercios*. A cavalaria também sofrera uma grande mudança nas ações em ataque pelo fogo e choque ao mesmo tempo. Por fim Daróz cita o autor Ruas Santos ao revelar outro brilhantismo de Nassau e das forças holandesas: a guerra de sítio, onde a surpresa, audácia, astúcia e rapidez facilitava as conquistas das fortalezas ou cidades fortificadas, ao contrário dos seus inimigos que faziam cercos longos e desgastantes.<sup>20</sup>

Antes de refutar muitas dessas informações, é essencial primeiro contextualizar as guerras que ocorreram na Europa (a causa que levaram e o desfecho) e também explicar melhor como eram os *Tercios* e como atuavam nas constantes guerras a seguir.

## A GUERRA DOS OITENTA ANOS E A GUERRA DOS TRINTA ANOS

A causa da Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648) foi de inúmeros fatores, entre eles se destaca: disputa de poder político e econômico (Madri x cidades holandesas), Religioso (catolicismo x calvinismo e protestantismo), Língua (Espanhol x Flamengo) e entre outros.

<sup>19</sup> PEREIRA, 2004, pp. 100-101.

<sup>20</sup> DARÓZ, 2014, pp. 25, 50, 62-67, 75-76.

O movimento foi comandado pela rica família Orange, entre os mais destacados foi Guilherme de Orange o Taciturno e seus irmãos como Luis e Enrique de Nassau. Mas com as sucessivas e implacáveis vitórias do Duque de Alba para abafar a revolta logo no início da guerra, fez essa guerra começar de grande frustração para os batavos.

Logo com a morte dos três líderes principais, Guilherme foi assassinato, e os outros irmãos mortos (como na batalha de Mook), então seu filho Maurício de Nassau sucedeu a campanha pela independência, declarada em 1581, e que foi confirmada na Paz de Westfalia em 1648.<sup>21</sup>

Já a Guerra dos Trinta anos (1618-1648) foi uma guerra religiosa e até uma guerra civil alemã que se alastrou por extensa e vasta região europeia. De um lado o Império Habsburgo e do outro os diversos estados alemães na busca de autonomia e na luta pelo calvinismo e protestantismo.

A guerra se estendeu no centro europeu para além, contando os Países Baixos, Dinamarca, Noruega e até a França onde se entrelaçava jogos políticos e interesses na luta contra o poderoso império Habsburgo. E no fim daria na fragmentação do Sacro Império Romano Germânico, lutas de facções entre estados e seus mercenários até surgimento de exércitos mais profissionais como o sueco e o francês.

A guerra foi finalizada com a Paz de Westfália que marcou a vitória da causa dos protestantes, fortalecimento comercial pelos vitoriosos e enfraquecimento político e militar de seus inimigos, os Habsburgos.<sup>22</sup>

## OS TERCIOS

### Formações, táticas e patentes

Basicamente os Tercios eram exércitos profissionais compostos por arcabuzeiros ou mosqueteiros, alabardeiros e piqueiros. Os primeiros eram atiradores e os últimos eram armados com lanças, porém os piqueiros carregavam piques que chegavam próximo de cinco metros dependendo dos casos. E havia a cavalaria que estava obsoleta para a época. A espada era usada por todos os combatentes devido ser uma arma tradicional.

De origem espanhola, teve suas preparações e primeiros confrontos na Itália logo no início do século XVI contra os franceses. Segundo Albi de la Cuesta, o que torna problemático é que os três mil soldados que compunham um Tercio é falso, pois não havia um número fixo, eram meros números teóricos além de seus números sendo diminuídos ao longo da campanha. O número mais realista era no máximo mil e quinhentos soldados. Outro ponto que se deve destacar era que não havia um número rígido de atiradores e lanceiros. Houve casos de maiores números de atiradores do que piqueiros. Com

<sup>21</sup> CAÑETE, 2016, pp. 17-42, 135-136, 173, 217; DARÓZ, 2014, pp. 25-26; CARBIA, 2004, pp. 73, 84.

<sup>22</sup> MAGNOLI, 2006, pp. 163-187.

isso, já mostra que os Tercios eram mais flexíveis, manobráveis e menores, mas potencialmente ativos como veremos adiante.<sup>23</sup>

Nas táticas os atiradores funcionavam para infligir perdas aos inimigos a certa distância, em seguida eles entravam para dentro da massa compacta dos piqueiros que os protegiam contra a cavalaria e piqueiros oponentes. Atiradores também podiam estarem nos flancos dentro da massa compacta e a continuar suas saraivadas mortíferas contra os oponentes. Atiradores eram também protegidos por soldados que portavam alabardas em terrenos difíceis em meio a peleja o que mostra a sua flexibilidade. Esses últimos ficavam dentro do escuadrón (o quadrado compacto) junto com as bandeiras. Em resumo, todas as armas apoiavam uma a outra em determinadas situações. E por fim a cavalaria aparecia para dispersar a força inimiga após os combates.

Existia três maneiras de portar os piques, a de colocar a arma fincada ao chão e as pontas para frente ou para cima contra a cavalaria em ataque, há também o uso similar ao portar a baioneta (segurando a arma na altura da barriga) ou posicionavam a arma na altura de seus ombros e a arma ficava paralela ao chão, cujo o uso servia contra os piqueiros oponentes. Juntos era uma massa compacta e impossível de ser destruída a não ser em constantes tiros ou por piqueiros oponentes.<sup>24</sup>



Posição contra cavalaria  
(<https://guerrayhistoria.wordpress.com/2014/12/22/1-a-batalla-de-rocroi-1643/>).



Piqueiro em posição contra infantaria na imagem à direita (ALBI DE LA CUESTA, 2018, p. 83).

Os exércitos espanhóis eram comandados por Mestre de Campo o chefe dos *Tercios*, que cada Regimento formava um *Tercio* comandados por Coronéis, abaixo deles eram os Capitães que comandavam Companhias, e dessas Companhias formavam os famosos *escuadrones*, a massa compacta que podia atuar em conjunto ou sozinha por diversas situações, em seguida haviam os Alferes que portavam as bandeiras e os Sargentos. Entre os *Tercios* mais famosos são os de Bobadilla, Bracamonte, Messía e outros.<sup>25</sup> De seus comandantes que se destacam e que serão analisados são: Duque de Alba, Francisco Verdugo, Ambrósio de Spínola e Gottfried Heinrich Pappenheim.

<sup>23</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 1-6;35-37, 61, 77-78, 124; GUTHRIE, 2016, p. 19.

<sup>24</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 75-110; GUTHRIE, 2016, pp. 20-21, 30-33; CAÑETE, 2016, p. 119.

<sup>25</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 38-55, 373-376, 392; GUTHRIE, 2016, pp. 29-31; CAÑETE, 2014, p. 74.

## Resumo das vidas de seus soldados

A idade dos homens que queriam se voluntariar nos *Tercios* era em torno de vinte à quarenta anos conforme as regras. Seja pela aventura, patriotismo e até conseguir dinheiro para o sustento, havia muitas oportunidades e probabilidades de situações que faziam muitos a lutarem nos *Tercios*.

Geralmente, os capitães recebiam a *Conducta* que autorizava recrutarem seus soldados em suas Companhias. Em seguida iam para um lugar escolhido, colocavam bandeira de San Andrés (Santo André) na mesa, papéis e tinta, anunciavam aos cidadãos e camponeses nas redondezas e esperavam fazerem filas para os homens que queriam voluntariar.

Se não havia guerras no momento (que podia ser bem comum em períodos de paz provisória ou em climas desfavoráveis), os soldados faziam jogos que muito se assemelhava aos combates. Servia tanto no entretenimento como também exercitar os soldados ficarem sempre ativos, o militarismo estava muito enraizado nessa época.

Na guerra os *Tercios* ou seus *escuadrones* iam para a guerra conforme as suas especialidades. E eram divididos por espanhóis, alemães, italianos de diversos estados, valões (antigos belgas), e tinham até irlandeses e ingleses que lutaram pela mesma religião. No caso dos espanhóis e italianos (especialmente os napolitanos e sicilianos) eram os melhores soldados para as guerras. Nos combates, geralmente os espanhóis pediam para estarem sempre nos lugares de honra: nas vanguardas, o que poderia ser um bom incentivo para o exército e também um assunto problemático, já que geralmente eram os melhores soldados e iam lutar numa frente mais acirrada. Todos tinham o seu melhor e qualidades para lutar em nome dos Habsburgos e da sua religião.

Por exemplo, os espanhóis eram hábeis no uso do arcabuz, assim também como os italianos e na luta contra os turcos (como foi o caso do cerco de Malta) e também ofereceram militares brilhantes como Ambrósio de Spínola. Já os alemães eram célebres no uso dos piques. Os valões podiam oferecer bons soldados e guias nas suas terras caso a guerra estava passando por lá. E muito mais.

Desde de antes e durante a existência dos *Tercios*, os soldados viviam o que as terras por onde passavam podiam oferecer, por isso era comum pilhar as terras e cidades inimigas. Era uma das melhores fontes de seu sustento e por isso era comum ocorrer excesso de violência e penalidades.

Na época os europeus tinham a mentalidade de que a honra era mais importante do que a vida, por isso também havia muito duelos de espadas e uma pedra no sapato dos generais. Para evitar que soldados se matassem por honra, os comandantes tinham que resolver esses problemas como se fossem juizes, e dar penalidades conforme não manchassem as reputações dos seus soldados. Mas também mantinham companheirismo, camaradagem e moral alta. Os Capitães tratavam seus subordinados como filhos e eles os viam como pais, e entre seus colegas como irmãos.

Outras penalidades de crimes graves podiam serem piores, como por exemplo ficar condenado a remar nas galeras (navio militar da época), lembrando que as condições de vida lá eram atroz e desumano. Outro era a forca, que eram reservadas aos líderes dos motins (que era iniciada pela falta



de pagamentos aos soldados e sempre foi um problema), e também para os desertores e até os que mudavam de lado.

Nos piores lugares que os soldados viviam, eram vigiar fortalezas onde a guerra pouco vinha ou nem sequer passavam por lá. Nas fortalezas de Honduras, os soldados morriam nas doenças, nas fortalezas do Magrebe (com exceção de fortalezas importantes como Orã e Argel) os soldados viviam na agonia do tédio e mortos pelos nativos sorrateiros e belicosos. E nas fortalezas de Flandres, o processo de cerco era lento, desgastante e viviam famintos e sem dinheiros, motivo de os motins serem comuns.

Havia o *Tercio Viejo* (Terço Velho) e o *Tercio Nuevo* (Terço Novo). O primeiro era composto por soldados veteranos calejados enquanto os outros eram bisonhos (ainda não haviam lutado ou por poucas vezes).

O seu processo ou a sua maquinaria bélica começava na Itália, eram lá que começavam seus primeiros combates contra os corsários, turcos e outros. Os *Tercios* ganhavam experiências conforme subiam geograficamente até irem nas terras alemãs, belgas e holandesas para lutarem contra o protestantismo e calvinismo. Tudo isso graças ao *Camino Español* (Caminho Espanhol) que era uma grande epopeia militar em levar soldados e suprimentos em lugares distantes, penosos e perigosos por onde passavam. A partir dessa transição do caminho pela Itália para Flandres se tornavam *Tercios Viejos* e experientes para lutar nos mares, fortalezas e vastas terras. E os *Tercios* sempre recebiam uma injeção de sangue novo, bisonhos sempre podiam suprir e substituir as baixas muitas vezes, e por isso eles sempre estavam prontos para os combates.<sup>26</sup>



Caminho Espanhol (ALBI DE LA CUESTA, 2018, Mapas).

<sup>26</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 14-334, 374; CAÑETE, 2014, p. 102, CAÑETE, 2016, p. 96.

# OS TERCIOS EM AÇÃO

## Os Cercos

Os cercos na época em que os *Tercios* dominavam a arte da guerra e na Europa, era uma tarefa complexa e custosa. Mas segundo os generais da época, eram os mais desejados.

No livro de Daróz há a referência que a guerra da independência holandesa (Guerra dos Oitenta Anos), onde os batavos não tinham a intenção de enfrentar os temíveis *Tercios*, então evitavam em aceitar batalhas campais e focar mais nas guerras de cercos para esgotar os espanhóis. Porém, segundo o historiador Júlio Albi de la Cuesta, revela que era a mentalidade de toda a Europa (e até ao poderoso Império Turco) em fazer cercos e evitar batalhas campais.

Generais evitavam batalhas campais pois podia ser custoso, soldados experientes e armamentos caros não brotavam simplesmente do chão. Um deslize, uma ordem mal distribuída para seus subordinados ou discrepância de interpretações de certas ordens, na plena peleja e gritaria, explosões, nervos em frangalhos e entre outros poderia ser uma catástrofe retumbante. Os comandantes não conseguiam comandar todo o seu exército, era uma deficiência da época, e próprio Gustavo Adolfo também não conseguia coordenar todos os setores de seu exército que lutavam de acordo com o combate local.

Para a mentalidade da época, era um meio mais “seguro” de se fazer guerra e infligir uma derrota mais concreta ao inimigo. Pois em batalhas campais, raramente eram decisivas ou podiam ser mais vitória pírrica.

Mas demorou um bom tempo para os generais perceberem que as guerras de cercos também não davam resultados conclusivos e a Guerra dos Oitenta Anos foi uma grande operação e experiências de cercos.

Sobre as guerras de cercos, eram complexas e complicadas. Havia presença de trincheiras, barricadas, bombardeios, minas explosivas, surtidas, alagamentos e outras maneiras bem criativas.

A escalada, na qual soldados achavam uma brecha nos muros e a noite usavam a escuridão e as escadas para tentar tomar parte do muro ou de uma plaza (fortificação). A surpresa era essencial e teriam que desprever de suas armaduras para um ataque rápido e silencioso. Dependendo da situação, pode dar bons resultados.

Outra maneira eram as surtidas, na qual era do mesmo modo da escalada, mas a intenção é silenciar as baterias inimigas. Muitas vezes os homens avançavam quase nus, saindo do rio ou nos pântanos, atacavam sentinelas inimigas e inutilizavam os canhões e logo fugiam.

Há os que se infiltravam se vestindo de camponeses ou usavam mulheres para reconhecer o local e seus pontos fracos, mas se fossem descobertos a morte era certa.

Ao contrário dos comentários de Ruas Santos, a rapidez, a audácia e a surpresa para tomar fortificações não era um monopólio dos holandeses comandados por Maurício de Nassau. Ambos os oponentes faziam inúmeras ações e planos astuciosos para tomar fortificações. Mas essa era uma raridade, era mais comum nos grandes cercos terem grande bombardeios e serem marcados pela fome. Até mesmo os holandeses passaram por essas guerras de desgastes durante e depois das ações de Maurício de Nassau pela mesma guerra citada. O cerco de Breda e na volta nos combates de 1621-1635 após um período de paz é também o grande exemplo.

Nos cercos as fortalezas eram cercadas por trincheiras e fortes interligados. Havia as trincheiras de circunvalação (contra os sitiados) e a contravalação (contra os reforços dos sitiados). A ideia era esgotar as munições dos sitiados ou comidas. A fome foi o maior flagelo dos cercos. Mas tantos os sitiados quanto os sitiadores, ambos tinham suas provisões ameaçadas de escassez. Os cercos esgotavam tudo o que a terra da região podia oferecer, e nessa época os comboios e as estradas eram precários.



Assédio de Groenlo 1627 (ALBI DE LA CUESTA, 2018, p. 265).

Mas trincheiras e bombardeios, eram trabalhos de engenharia. Os métodos de Vauban só apareceriam na metade do século XVII, e na época os italianos tinham o monopólio da engenharia das fortalezas e cercos.

Há também o uso de minas, eram tarefas desumanas e precárias, além de também o uso de armas potencialmente explosivas. As trincheiras geralmente eram sempre pantanosas, úmida e gelada, muito semelhante aos filmes da Primeira Grande Guerra.

Os cercos podem durar de meses e até anos, e os defensores podiam fazer mais defesas no interior das *plazas* quando um dos setores do muro era ameaçado em ruir, assim permitia continuar os combates pelas fortificações até que venha reforços.

Quando mais o cerco durar, mais é a chance das chacinas e vinganças explodirem, e para evitar isso, de preferência seria se render em um tempo razoável: não cedo demais para evitar suspeitas de seus aliados e contrerrâneos, e não tarde demais que poderá dar um massacre pelos vencedores.

Os holandeses e belgas sempre estavam em vantagem nesse tipo de guerra, pois um dos principais motivos são suas localizações geográficas e que estavam lutando pela sua própria terra. O exército espanhol sempre teria que passar na Itália e Alemanha para chegar ao destino, até lá homens e dinheiro se perderam.

A Inglaterra sempre estava por perto e atenta para mandar dinheiro aos holandeses, como também seus soldados e navios supridos de mantimentos. E nos cercos, os holandeses podiam abrir seus diques ou barragens para inundar as trincheiras dos católicos, fazendo o local um caos.<sup>27</sup>

## As Batalhas e motivos da decadência dos Tercios

Ao contrário no que foi dito anteriormente, Guilherme de Orange tinha intenções claramente ofensiva e que não dera muito sucesso. Ao exemplo na sua primeira campanha na década de 1560 contra três pontos de ataque, um contra Artois outra contra a região de Groninga (liderados pelos seus irmãos), e outra comandada pelo próprio Taciturno contra os arredores de Maastricht. Apesar de uma pequena vitória dos holandeses cujo alvo era Groninga, batalhas como Jemmingen (cujo o exército foi comandado pelo próprio Duque de Alba) e Jodoigne em 1568, onde os irmãos Orange (incluindo Guilherme) sofreram grande baixas, e Guilherme teve que fugir para a Alemanha para recuperar suas forças.<sup>28</sup>

Guilherme volta a tomar ações ofensivas nos anos de 1570, um de seus irmãos atacam nas regiões vindo das proximidades da França, e o próprio Guilherme vindo da Alemanha. Mas novamente os holandeses são derrotados, como por exemplo no cerco de Haarlem pelo vitorioso Francisco Verdugo, que recebia o comando pelo Duque de Alba o general triunfante contra as forças batavas nesses primeiros anos da revolta. Outro exemplo dos implacáveis Tercios contra as forças de Guilherme, foi a batalha de Mook (1574), não só foi uma catástrofe das forças holandesas como também os dois irmãos Orange foram mortos (Luis e Enrique de Nassau).<sup>29</sup>

E para finalizar, há a vitória dos espanhóis em 1578 nas proximidades Gembloux onde infligem 10.000 mil baixas contra os holandeses, em seguida tomam a capital e ficam em Amberes, mas os espanhóis continuam o avanço e recuperam numerosas cidades. Em 1584 Guilherme é assassinato por um francês e grande admirador de Felipe II.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> DARÓZ, 2014, pp. 25, 64, 76; ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 35-37, 189-190, 231-284;

<sup>28</sup> DARÓZ, 2014, p. 25; CAÑETE, 2016, pp. 26-27.

<sup>29</sup> CAÑETE, 2016, pp. 29-32.

<sup>30</sup> CAÑETE, 2016, pp. 40, 173.

Portanto o que fez os espanhóis não conseguirem derrotar completamente a Holanda em revolta, foi a incapacidade de governar e abafar inúmeras revoltas que se espalhava por toda a Holanda, com exceção da Bélgica que fora mantida. Margarita de Parma (meia irmã de Felipe II), o Duque de Alba e até o próprio Dom Juan da Áustria (herói de Lepanto) não conseguiram acalmar os ânimos do povo holandês e a revolta se tornou irrefreável e que causou mais problemas do que a própria ação direta e ofensiva de Guilherme de Orange, o Taciturno.<sup>31</sup>

Outros detalhes do porquê os espanhóis não conseguiram lidar com a revolta e após o período do comando do Duque de Alba, a crônica de Francisco Verdugo explica muito bem. Verdugo escreveu sua obra expondo suas experiências na tumultuada Frísia nos anos 1579-1594, pois muitas vezes os fortes mudavam constantemente de lado. Também forças francesas e inglesas ajudavam os rebeldes a voltarem com novos ataques sucessivos e intermináveis. Os batavos faziam ataques frontais em meio ao sul da região, logo em seguida tentavam atacar o litoral norte, fazendo Verdugo tentar defender vastas regiões do que tentar uma iniciativa para um contra-ataque.

Outro detalhe era a falta de dinheiro para pagar os soldados que logo ameaçavam de motim. Para evitar isso, Verdugo tomou uma drástica ação de reduzir suas forças e enviá-las para longe do palco da guerra, além de dismantelar e reduzir aos escombros seus próprios fortes para evitar que seus inimigos os apossassem.

Outro problema foi a falta de recursos como pólvora e alimentos, soldados passaram fome, seja nos cercos e às marchas forçadas na penúria, chuvas e pântanos. Groninga (na qual era a capital da Frísia) foi sitiada duas vezes, e na última os rebeldes saíram vitoriosos no mesmo momento que Verdugo e suas tropas recuavam mais para o sul numa base amiga mais próxima.

E por fim, Verdugo foi vítima de calúnias, tanto pelos inimigos como pelos próprios conterrâneos seus. O objetivo de sua obra foi para provar a sua inocência. Calúnia foi a maior facada que ele recebera em todos os seus anos na ativa, expôs também na sua obra suas proezas e dificuldades em lidar com aquela região tão complicada e complexa. Verdugo era um brilhante comandante, venceu batalhas e tomou vastas terras, mas não conseguira lidar contra os holandeses nos seus vastos recursos de guerra enquanto suas tropas diminuía cada vez mais, seja nas ações da guerra ou nos motins, além da falta de apoio de seus superiores e ser vítima de calúnia pelo seu fracasso.<sup>32</sup>

Quem de fato foi o precursor da manobra cautelosa de enfrentar os temíveis Tercios não foi Guilherme, e sim seu sucessor: Maurício de Nassau. Foi ele que raramente oferecia uma batalha campal e se limitava às guerras de fortificações pois Flandres era vastamente fortificada e sua maneira de manter na defensiva mantinha sempre as suas vantagens. Um grande exemplo que foi marcante para as forças batavas foi a batalha de Nieuport (1600), a única vitória clara dos holandeses contra os espanhóis (cujo os católicos estavam em inferioridade numérica). Mas a batalha não ofereceu grandes vantagens que era tomar a Bélgica (sob o domínio dos espanhóis) cuja a invasão nunca se consolidou. Nassau só

<sup>31</sup> CAÑETE, 2016, pp 17-41.

<sup>32</sup> CAÑETE, 2016, pp. 42-45, 106-313.

enfrentaria os Tercios em clara condições vantajosas devido também à grande capacidade de resistência dos exércitos dos Habsburgos, pois ainda eram temidos. E último detalhe, a força holandesa na batalha de Nieuport era uma mescla de soldados holandeses, escoceses, suíços, franceses e até alemães, o mesmo que vale às forças católicas de terem soldados de inúmeras nações.<sup>33</sup>

E as campanhas militares nem sempre paravam no inverno, pois com a grossa camada de gelo permitia a continuação do conflito, mas era o período de verão que era a época mais desejada.<sup>34</sup>

Sobre as análises do fogo contínuo e de profundidade dos arcabuzeiros e mosqueteiros, os historiadores apontados anteriormente mencionam que foi a genialidade de Nassau na sua reforma para ferir terrivelmente os Tercios, porém há menções onde os espanhóis tinham as suas próprias maneiras de manter os fogos contínuos nas batalhas, entre eles há a batalha de Bicoca (1522), na invasão turca na Áustria em 1532 e autores da época mencionam também o uso em 1586.<sup>35</sup> Portanto, Cuesta conclui que “Nassau tuvo el mérito de sistematizar el procedimiento, más que el de descubrirlo”.<sup>36</sup>

Outro ponto é que mencionam os Tercios sempre pesados e carregados de armaduras o que faziam eles lentos e difíceis de serem manobráveis e desajeitados (só em grande campos abertos tinha sua maior facilidade)<sup>37</sup>. Porém a rigidez, que é tanto mencionado pelos autores anteriores, veio do escuadrón e não do Tercio. Formar os escuadrones compactos exigia campo aberto e plano, mas eram raramente usados. Sejam nos desembarques anfíbios e nas guerras de cercos (principalmente no front dos Países Baixos) a formação do escuadrón não existia. Os Tercios usavam outros modos de combates e que pouco exigia formações rigorosas, tiveram que lidar com inúmeras situações de combates e portanto eram mais flexíveis.<sup>38</sup>

E os Tercios evoluíram sim no decorrer do tempo. Há exemplos de menos exigências de armaduras tão pesadas, houve reforma em 1611 para poderem se adaptarem e enfrentarem o exército de Nassau e mais tarde a do rei da Suécia, e seus efetivos e formações também se adaptaram com a dos estrangeiros. Os Tercios não eram de maioria de piqueiros e menos de atiradores, os números vacilavam. Os escuadrones e Companhias eram flexíveis e até podiam lutar independentes do resto do exército e fazerem escaramuças, com as muitas nacionalidades e como lutavam conforme as suas especialidades podiam serem usadas e mescladas no grupo e usadas nos momentos mais ideais. A exemplos da batalha de Mook e Jemmingen foi de um certo conjunto de atiradores (e poucos piqueiros no caso de Mook) e conseguiu infligir terríveis baixas aos mais numerosos exércitos holandeses.<sup>39</sup> Portanto os Tercios não eram meros rolos compressores que Lacey enfatiza.<sup>40</sup>

<sup>33</sup> GUTHRIE, 2017, pp. 240-242; GUTHRIE, 2016, p. 33; CUESTA, 2018, pp. 208-212.

<sup>34</sup> CAÑETE, 2016, p. 274.

<sup>35</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 81-82.

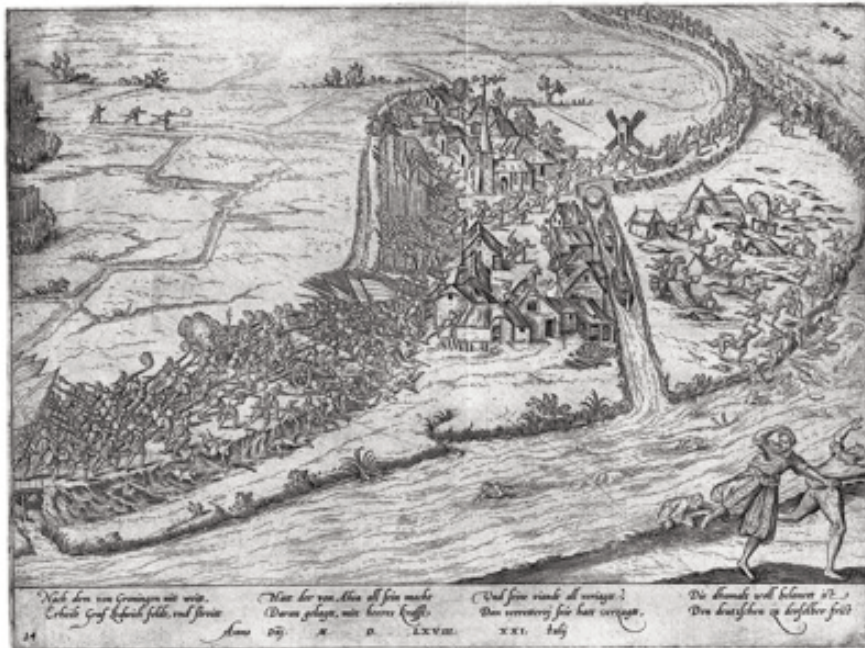
<sup>36</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, p. 82.

<sup>37</sup> LACEY, 2017, pp. 180-181; DARÓZ, 2014, p. 63.

<sup>38</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 185-186

<sup>39</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018. pp. 91-92, 186-188, 192-194, 205-208, 219-220

<sup>40</sup> LACEY, 2017, p. 181.



Batalha de Jemmingen 1568 (ALBI DE LA CUESTA, 2018, p. 191).

As vitórias do Rei Gustavo Adolfo, segundo o historiador Cuesta, foram só momentâneas. Seu triunfo durou apenas 3 anos e 11 dias (desde de Breitenfeld à Nordlingen). Mas foi na batalha de Nordlingen (1634) que os Tercios conseguiram infligir grandes baixas aos suecos e a reconquistar o que perderam nas duas batalhas vitoriosas de Gustavo, daí os suecos só eram forças adicionais ou seja perderam a sua principal força durante o resto da Guerra dos Trinta Anos. Já os Tercios dominaram os campos de batalhas por 1 século e quarto! Contando desde de a batalha de Ceriñola em 1503 na qual iniciam as suas conquistas, e ainda conseguiam infligir derrotas aos inimigos até a década de 1640.<sup>41</sup>

Se teve batalhas decisivas, provavelmente foram: a Batalha de Nordlingen que definiu, segundo Guthrie, a vitória dos Habsburgos contra as forças protestante e fim da guerra religiosa no centro europeu, na qual mais tarde a guerra migrou para a França, a grande força oponente que permitiu a continuidade da guerra.<sup>42</sup> Guthrie também aponta a Segunda Batalha de Breitenfeld (1642, Gustavo Adolfo já estava morto há muito tempo) pois foi a batalha vitoriosa das forças aliadas, como franceses e forças protestantes, que conseguiram anular as vantagens dos imperiais Habsburgos na vitória de Nordlingen e desequilibrar o seu poder e a partir daí daria uma outra faceta do modo de combater.<sup>43</sup>

Novamente o historiador Cuesta explica que com as inúmeras batalhas que exigiam a maior presença de soldados, os soldados alemães e italianos eram cada vez mais esgotados nas batalhas, os espanhóis tiveram que participar ainda mais e também substituí-los. Com maior exigência de forças espanholas, lançados em contínuas guerras quase sem fim e difícil financiá-las, parecia que a Espanha estava lutando contra o mundo inteiro. E Rocroi (1643) foi o seu canto de cisne. Porém os Tercios só iriam desaparecer de fato no começo do século XVIII.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 213-219.

<sup>42</sup> GUTHRIE, 2016, pp. 387-388.

<sup>43</sup> GUTHRIE, 2017, pp. 188-190.

<sup>44</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 219, 335.

De acordo com a historiadora Beltrán, ela corrobora com esse argumento citado. Pois em 1635 a Guerra estaria na fase de grande expansão com a participação da França, daria a origem à Guerra Total nos países europeus e seria sentido até no Brasil com a expansão do domínio holandês no Nordeste Brasileiro.<sup>45</sup>

Portanto, Cuesta aponta que nas primeiras décadas de XVII os Tercios passam por um esgotamento e a Espanha se deixa de ser um país de potência hegemônica. E não foi necessariamente os exércitos inimigos que os deixara obsoletos, lembrando que um exército imita o outro (e aperfeiçoa-o) para conseguir derrotá-lo. Como por exemplo a Guerra Relâmpago dos alemães na Segunda Guerra Mundial na qual foi imitada e melhorada pelos aliados, o mesmo que se deu com os *Tercios*.

Com o avanço da tecnologia das armas de fogo, os Tercios eram desnecessários. As vitórias das reformas de Maurício de Nassau e Gustavo Adolfo foram curtas, já os *Tercios* duraram por muito mais tempo e lutando contra diversos inimigos em um espaço geograficamente muito maior (contando os vastos continentes do globo terrestre). Aponta também da escassez de generais importantes para a Espanha e o aumento da deficiência da cavalaria (na qual foi primordial para a derrota de Rocroi)<sup>46</sup>.

Para finalizar, com inimigos cada vez aumentando o seu número e até dentro da Espanha (como por exemplo a Revolta da Catalunha, e a Restauração Portuguesa), o recurso humano e o econômico sendo esgotado, a Espanha já não era mais a mesma.<sup>47</sup>

## Guerras marítimas e anfíbias

No mar, os navios espanhóis eram usados especificamente para tomar os navios inimigos (as abordagens) e não destruir com o uso de constantes tiros de canhões, o que deu a vantagem dos ingleses em 1588 além das constantes ameaças de tempestade. O grande exemplo de sua enorme capacidade de lutar e abordar navios foi o caso da batalha de Lepanto (1571).



Batalha de Lepanto

(<https://www.todahistoria.com/la-batalla-de-lepanto/>)

<sup>45</sup> BELTRÁN, 2018, pp. 34-39.

<sup>46</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 357-359.

<sup>47</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 349-350.



Os *Tercios* também mostraram grande capacidade nos desembarques e tomar posições e fortalezas chaves da guerra anfíbia, os exemplos são inúmeros: Corón e Modón (1532), Malta (1565), anexação de Portugal em (1580) e Açores (1582), e a própria Salvador em 1625.

Com essas capacidades de operações anfíbias e no mar, mostra claramente que os *Tercios* tinham capacidade e facilitação de se adaptarem e serem usados de diversas situações, seja em terra e mar.

No caso específico no que aconteceu na tentativa da invasão contra a Inglaterra (e Irlanda), é um caso mais complexo do que é mostrado no livro de Beevor. Houve mais que um ataque contra a Inglaterra, mas que não se solidificou ao ponto de levar a diante a invasão, portanto houve escaramuças. Os espanhóis atacaram a Irlanda católica em 1601 com a espera de aliança com os nativos na luta contra os anglicanos, mas a ajuda se dissolveu rápido ou foi muito pouco na hora da ação. O “grande fracasso” de 1588 não foi tão decisiva pois como foi mostrado, as campanhas bélicas na Europa continuaram e os espanhóis conseguiram se recompor as suas perdas. Um detalhe curioso foi que um ano depois, Drake o corsário da rainha da Inglaterra tentou atacar duas vezes a península ibérica, que foi chamada de Contra Armada, e nas duas vezes foi um grande fracasso muito semelhante com o que acontecera em 1588. Portanto a tentativa de invasão de 1588 é mais mito do que realidade.

A Inglaterra se mostrou pouco ativa nos ataques nas Américas, embora houve alguns ataques e escaramuças de corsários, o país anglicano não tomara ou conquistara para si nenhuma região estrategicamente e economicamente importante para si, com exceção da Jamaica, enquanto as vastas terras dos espanhóis eram terrenos fáceis de serem atacados. Os espanhóis mantinham na defensiva e os ingleses podiam terem tomado algumas dessas terras se tivessem planejados melhor nas conquistas nesse front.<sup>48</sup>

Poucos sabem da Contra Armada, a derrota dos ingleses na tentativa de invasão contra Espanha e Portugal em 1589. O motivo foi que a propaganda bélica inglesa teve uma grande vitória, o que impulsionou a Leyenda Negra que foi marcante nesse evento e foi apagado na história. Na qual Barea chama desse movimento de a Lei do Silêncio. E houve outros casos como esse, como o ataque de Veracruz no México em 1568, em Catagena nas índias (1740), Rio de la Plata (1763) e outros esquecidos na história.<sup>49</sup>

## Os Tercios nas Ações Indiretas (de Liddell Hart)

A Campanha do Palatinado (1620-1623) foi um exemplo clássico no que Liddell Hart chamaria de Ações Indiretas. O exército era de Flandres que foi comandado pelo brilhante e estrategista Ambrósio de Spínola. Seu objetivo era tomar as vastas terras da região do Palatinado (sudoeste da Alemanha) sob o controle dos protestantes durante os primeiros anos da Guerra dos Trinta Anos. Spínola tinha a intenção de conhecer os locais que suas tropas iriam percorrer, tomar sucessivas plazas do Palatinado

<sup>48</sup> ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 285-334; CAÑETE, 2016, p. 115; VIDIGAL & ALMEIDA, 2009, pp. 135-137; ROCA BAREA, 2022, pp. 257-258.

<sup>49</sup> ROCA BAREA, 2022, pp. 255-269.

e mantê-las, para isso ele pretendia fazer uma campanha rápida, sem precisar assediar as fortalezas por longo tempo, fazer o inimigo entrar em um dilema ao dividir suas forças entre o Palatinado e a Boêmia ou perder essas terras estratégicas.

Logo no início já começava os primeiros problemas, Spínola teve falta de soldados e chegavam famintos e maltrapilhos. Ao todo menos de 15 mil soldados participaram na campanha e com a clara inferioridade numérica em comparação aos seus inimigos e a campanha começa mais tarde do que previsto.

Spinola e seu exército conseguiram tomar muitas cidades e fortificações, fez manobras para ludibriar seus antagonistas, e posições chaves foram conquistadas. Ao longo da campanha a força de Spínola sofrera poucas baixas, não houve nenhuma ação de cercos longos e desgastantes, nem sequer houve uma batalha campal com exceção da emboscada de Alsheim (1620), e a campanha (agora comandada por outros comandantes) foi finalizada no ano de 1623 com a tomada de Frankenthal.<sup>50</sup>

A Guerra de Westfalia de 1632, cujo o exército Católico-Imperial sob o comando de Gottfried Heinrich Pappenheim foi outro exemplo dos Tercios em incrível mobilidade e capacidade de fazer Ações Indiretas. Com a força em torno de 5 a 10 mil soldados, claramente em inferioridade numérica em comparação aos seus antagonistas (50 mil), Pappenheim mostrou nessa nova campanha um comandante agressivo e ousado.

Com incríveis manobras, conquistado e reconquistado terras e plazas, a força protestante não conseguia freia-lo e não sabiam qual eram seus próximos objetivos. Segundo Guthrie, as manobras de Pappenheim foi comparado com as de Stonewall Jackson no vale de Shenandoah na Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865). Pappenheim tinha grande capacidade de mudar a situação ao longo de suas conquistas, mesmo quando foi mandado para lutar em outro front (em Flandres) e seus inimigos conseguiram ganhar vantagens, mas ao voltar para Westfalia, Pappenheim virara o jogo novamente.<sup>51</sup>

Como conclusão da capacidade e vitória de Pappenheim, Guthrie escreve o seguinte trecho:

Wallestei se habia quejado de que nunca sabía donde estaba Pappenheim o lo que estaba haciendo. La intención de Pappenheim era que la gente pensara que estaba em todos los sítios donde no estaba, haciendo cosas que em realidade no hacía com tropas que no tenía. La esencia de Pappenheim era la movilidad, la diversión, la sorpresa y la explotación (GUTHRIE, 2016, p. 339).

Portanto, os Tercios tinham sim grandes habilidades de manobrar e fazer Ações Indiretas para iludir e enfraquecer os seus adversários, e no caso de muitos de seus comandantes não só tinham competência em liderar como também tinham grande capacidade de lidar com diversas situações e revolucionar os modos de combates.

<sup>50</sup> BELTRÁN, 2018, pp. 344-351.

<sup>51</sup> GUTHRIE, 2016, pp. 330-339.

## Os Tercios no Brasil

Pereira menciona que durante as invasões holandesas no nordeste brasileiro, a maneira de combater dos Tercios não foi utilizada pelos luso-brasileiros. Destaca a guerrilha e os modos de cercos indígena além das armas de influência portuguesa como: a espada (na qual os resistentes eram mestres nesse modo de combate), espingardas, mosquetes e arcabuzes.<sup>52</sup>

Porém, há sim presença de modos de combates dos Tercios no Brasil, seja diretamente ou indiretamente (estão nos detalhes sutis), mas que se encontram detalhes semelhantes aos métodos de combates que já vimos anteriormente. Eis os principais detalhes.

Na luta pelo Salvador em 1624-1625, há a presença direta dos Tercios, eram reforços para estrangular os holandeses cercados em suas fortalezas na qual a guerrilha não bastava. Os desembarques foram de grande sucesso e os holandeses se rendem devido ao longo esgotamento.<sup>53</sup>

E há uma presença indireta e sutil do modo de lutar dos Tercios, na qual Evaldo Cabral de Mello tanto enfatiza. Segundo Mello, tratava-se nos meados das décadas de 1630-1640 uma cooperação entre as forças regulares (os Tercios) com as forças irregulares (a Guerra Brasílica). Enquanto as forças regulares mantinham suas resistências nos fortes que interligando uma com a outra faziam um formato de meia lua para conter os avanços dos neerlandeses (A Guerra de Resistência), enquanto isso as forças guerrilheiras faziam suas entradas, saqueavam, destruíam e faziam emboscadas contra as tropas inimigas em marcha. Até na época da Restauração Pernambucana (1645-1654), a forma de lutar quase manteve a mesma, mas as forças regulares (de espanhóis e italianos) foram sendo dissolvidas até só terem combatentes de gentes da terra o que deu o uso total das guerrilhas e pôr fim a vitória dos luso-brasileiros. Em relação aos cercos, segundo Mello eram muito similares com a Guerra de Flandres, e causava terríveis baixas e moral para as tropas batavas, entre eles o próprio Richshoffer sentiu na pele a capacidade do cerco e da escassez de alimento.<sup>54</sup>

Como já foi dito, havia presença de napolitanos e espanhóis em seus *Tercios* durante a guerra em Pernambuco, e embora dispendo da presença de soldados que não eram experientes (recrutas), dispostos a desertar e não acostumados com a temperatura do Nordeste, havia também a presença de veteranos experientes. Devemos lembrar também que as forças napolitanas e espanholas eram a nata dos *Tercios* na Europa, na qual no Brasil também foram úteis nos combates (e eram hábeis no arcabuz e na espada, o que poderia ter influenciado os luso-brasileiros), e também eram úteis nos cercos.<sup>55</sup>

Nos cercos deve-se ser lembrado especialmente o de Salvador em 1638, onde o próprio João Maurício de Nassau-Siegen presenciou o combate, sendo o melhor exemplo da presença indireta dos Tercios em nossas terras.

<sup>52</sup> PEREIRA, 2004, pp. 102-103.

<sup>53</sup> DARÓZ, 2014, pp. 150-161.

<sup>54</sup> MELLO, 2010, pp. 72-73, 82, 102-105, 390-392; MELLO, 2007, pp. 189, 257, 264, 275, 287, 296; RICHSHOFFER, 1977, p. 82

<sup>55</sup> MELLO, 2007, pp. 185, 188, 204, 206, 298; ALBI DE LA CUESTA, 2018, pp. 61, 77-78, 80, 204.

Comandados pelo italiano conde Bagnuolo, e com a presença de forças nativas e dos *Tercios* portugueses, espanhóis e napolitanos, tentam frear o avanço implacável do numeroso exército holandês. Às portas de Salvador, os resistentes preparam trincheiras e fortes, há ataques e a resistência recua, mas preparando novas defesas. Em meio a esse período, fazem as trincheiras de Santo Antônio onde se mostrou uma resistência implacável. Há bombardeio e há trincheiras inimigas serpenteando nas proximidades para causar grande baixas, começa ataques e contra-ataques nos pontos defensivos. Houve ataques de guerrilhas e contra as baterias inimigas. Enfim se dá o grande ataque dos neerlandeses, cujo o número era em torno de três mil soldados, cujo objetivo era fazer uma grande brecha às defesas dos resistentes. Enquanto os combates se estalam, forças guerrilheiras fazem manobras e atacam o inimigo pela retaguarda, os holandeses são atacados de duas direções, o ataque esmorece e os inimigos recuam esgotados. Por fim, após inúmeras tentativas de ataques e fracassos, os holandeses recuam e deixam Salvador. Ao todo o cerco contra a cidade, por terra e mar, foi de quarenta dias.<sup>56</sup>

Ao longo da narrativa do Duarte de Albuquerque Coelho em sua crônica, se encontra muitas similaridades aos cercos na Europa e no que já foi dito aqui. Mas deve se destacar as muitas similaridades com o cerco de Malta (1565) feita pelo Império Turco Otomano. Embora Malta foi de uma escala muito maior, há muitas semelhanças dela com o segundo ataque holandês contra Salvador em 1638. Entre elas são: ataques em fortalezas, intensidades de bombardeios nas trincheiras e nas fortalezas, trincheiras ziguezagueando ou serpenteando até estalarem disputas por elas, cercos por terra e mar, ataques de guerrilheiros (no caso de Malta foram os malteses contra os turcos), baluartes sendo improvisados e etc.<sup>57</sup>

Portanto há presenças dos *Tercios* de uma maneira direta e também na forma bem sutil e que se deve ser mais levada em conta.

## CONCLUSÃO

Os *Tercios* mostraram mais ativos e capazes em mudar e serem reformados ao longo do tempo, muito bem confirmado pelos historiadores espanhóis do que as afirmações de grande maioria dos autores anglo-saxões (com exceção de Guthrie). Os soldados dos *Tercios* tinham grande capacidade de lutar e de se adaptarem nas diversas frentes de batalhas e de diversos fronts de guerra. Eram manobráveis, ágeis e resistentes ao mesmo tempo e perduraram mais tempo do que seus inúmeros inimigos podiam prever. Tiveram até participações no Brasil na forma direta ou indiretamente e tiveram generais brilhantes ao longo de sua existência até à sua decadência. Portanto, era um dos exércitos mais poderosos da história. É essencial buscarmos mais fontes espanholas sobre os *Tercios*, onde foi o lugar de sua origem, para se ter novos olhares e dar mais chance aos estudos dessas guerras que são pouco estudadas muitas vezes no Brasil, as quais estão marcadas por mitos feitos pelos panfletistas bélicos da época, e que resultou na *Leyenda Negra*.

<sup>56</sup> COELHO, 1981, pp. 331-355; DARÓZ, 2014, pp. 296-298.

<sup>57</sup> COELHO, 1981, pp. 331-355; CROWLEY, 2014, pp. 161-254.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBI DE LA CUESTA, Julio. **De Pavía a Rocroi**. 5.ed. Madrid: Desperta Ferro, 2018.
- ROCA BAERA, Maria Elvira. **Imperiofobia e lenda negra: Roma, Rússia, Estados Unidos e o Império Espanhol**. Tradução de Ricardo Harada. Campinas: Vide Editorial, 2022.
- BELTRÁN, Cristina Borreguero. **La Guerra de los Trienta Años 1618- 1648: Europa ante el abismo**. Madrid: La Esfera de Los Libros, 2018.
- CAÑETE, Hugo A. **Los Tercios de Flandes em Alemania: La guerra del Palatinado 1620-1623**. Málaga: Salamina, 2014.
- CAÑETE, Hugo A. **La Guerra de Frísia: Las campañas del coronel Verdugo em el norte de Flandes (1579-1594)**. 2.ed. Málaga: Platea, 2016.
- COELHO, Duarte de Albuquerque. **Memórias Diárias da Guerra do Brasil**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.
- CROWLEY, Roger. **Impérios do Mar: A Batalha Final entre cristãos e muçulmanos pelo controle do Mediterrâneo**. Tradução de Fátima Marques. São Paulo: Três Estrelas, 2014
- DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. **A Guerra do Açúcar. As Invasões Holandesas no Brasil**. Recife: UFPE. 2014.
- GUTHRIE, William P. **Batallas de la Guerra de los Trienta Años: De la Montaña Blanca a Nordlingen 1618–1635**. Traducción Hugo A Cañete Carrasco. Málaga: Salamina, 2016.
- GUTHRIE, William P. **Batallas de la Guerra de los Trienta Años: De Wittstock a la Paz de Westfalia 1635-1648**. Traducción Hugo A Cañete Carrasco. Málaga: Salamina, 2017.
- HART, B.H. Liddell. **As Grandes Guerras da História**. 2.ed. Tradução de Aydano Arruda, São Paulo: IBRASA,1967.
- LACEY, James. **As batalhas mais decisivas da história**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lúcia da Rocha Franco. São Paulo: Cultrix, 2017.
- MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MELLO, Evaldo Cabral. **Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste 1630-1654**. São Paulo: 34, 2007.
- MELLO, Evaldo Cabral (Org). **O Brasil Holandês**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.
- PEREIRA, José G Barbosa. **A Restauração de Portugal**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 2004.
- RICHSHOFFER, Ambrósio. **Diário de um soldado**. Recife: Typografia a vapor de Lammert & Comp. 1977.

VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco Eduardo A. **Guerra no Mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

## ARTIGOS EM PDF

CARBIA, Rómulo D. **História de la Leyenda Negra Hispano-Americana.** Madrid: Ediciones de Historia, 2004. Cap. 3-4.

<https://lapaginadeisrael.files.wordpress.com/2018/02/leyenda-negra-r-carbia.pdf>. Acesso em 10 nov. 2022

BALTÉS, Carlos. **Efectos de la Leyenda Negra em la Intrahistoria de los españoles.** 2011

<https://institutodemocracia.ceu.es/wp-content/uploads/2021/03/Efectos-de-la-Leyenda-Negra-en-la-intrahistoria-particular-de-los-esp%C3%B1oles.180111.pdf>. Acesso em 11 nov, 2022.

**Razón y pasión el la España de los albores del Siglo XXI.** 2018

<https://www.exteriores.gob.es/Embajadas/varsovia/es/Comunicacion/Noticias/Documents/Raz%C3%B3n%20y%20pasi%C3%B3n%20en%20la%20Espa%C3%B1a%20de%20los%20albores%20del%20Siglo%20XXI.pdf>. Acesso em 11 nov. 2022.

## SITES

<https://guerrayhistoria.wordpress.com/2014/12/22/la-batalla-de-rocroi-1643/>. Acesso em 22 dez. 2022.

<https://www.todahistoria.com/la-batalla-de-lepanto/>